



Cultura, Cidadania e Políticas Públicas 2

Alvaro Daniel Costa
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Alvaro Daniel Costa

(Organizador)

Cultura, Cidadania
e Políticas Públicas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, cidadania e políticas públicas 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Alvaro Daniel Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-078-0

DOI 10.22533/at.ed.780192501

1. Educação – Brasil. 2. Cidadania. 3. Políticas públicas –
Educação. 4. Prática de ensino. 5. Professores – Formação. I. Costa,
Alvaro Daniel.

CDD 323.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Cultura , Cidadania e Políticas Públicas”* possui uma série de 84 artigos que abordam os mais variados temas nas áreas relacionadas a área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Educação.

O volume I é intitulado “cultura, políticas públicas e sociais” e mostra a diversidade de análises científicas em assuntos que vão desde uma análise sociocultural perpassando pelas questões socioeconômicas da sociedade brasileira e latino-americana.

Já o volume II intitulado *“educação, inclusão e cidadania- práticas pedagógicas na cultura educacional”* é inteiro dedicado a área educacional, com textos de pesquisadores que falam sobre uma educação inclusiva em assuntos como autismo, formação profissional nas mais diversas áreas dentro do espectro educativo, além de uma análise sobre os impactos da reforma do ensino médio e sobre lo direito fundamental à educação.

No terceiro volume o assunto é no que tange as *“práticas educacionais, mídia e relação com as políticas públicas e cidadania”* sendo esse volume uma continuidade dos artigos da parte II com artigos que falam sobre práticas pedagógicas, além de textos que trazem sobre assuntos da área comunicacional.

A quarta e última parte é intitulada *“cultura, literatura, educação e políticas públicas- questões multidisciplinares”* e possui uma versatilidade temática que vai da área literária e novamente sobre algumas práticas pedagógicas.

A grande diversidade de artigos deste livro demonstra a importância da análise de temas que dialogam com as práticas de políticas públicas, sejam através da área educacional, comunicação ou aquelas que analisam a sociedade a partir de um viés histórico, cultural ou até mesmo econômico.

Boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO	
Isabela Alves Daudt	
DOI 10.22533/at.ed.7801925011	
CAPÍTULO 2	9
OS IMPACTOS DA ATUAL REFORMA DO ENSINO MÉDIO, DECRETO-LEI Nº 13.415/17, NA FORMAÇÃO DOS JOVENS DE BAIXA RENDA E MINORIAS ÉTNICAS	
Luciana Vieira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.7801925012	
CAPÍTULO 3	18
O AFRONTA VAI À ESCOLA - PROJETO AFRONTANDO SEU CONHECIMENTO	
Elias Csta de Oliveira	
Kelara Menezes da Silva	
Sérgio Marques da Silva	
Vanderson Visca Duarte	
Julio Ricardo Quevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7801925013	
CAPÍTULO 4	26
AS CRIANÇAS E AS ARTES VISUAIS: O AUTORRETRATO E A IDENTIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Bianca Cristina da Silva Trindade	
Renato Noguera	
DOI 10.22533/at.ed.7801925014	
CAPÍTULO 5	38
CURRÍCULO AFROCENTRADO E PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: A CULTURA AFRO-BRASILEIRA DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Juliana Trajano dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7801925015	
CAPÍTULO 6	51
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PRÁTICAS DE EXCLUSÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Sabrina Araujo de Almeida	
Bruno Viviani dos Santos	
Pedro Humberto Faria Campos	
DOI 10.22533/at.ed.7801925016	
CAPÍTULO 7	62
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UMA PESQUISA NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES- RJ	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Thamires Gomes da Silva Amaral	
Franciele Ramos da Costa Silva	
Nadir Francisca Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.7801925017	

CAPÍTULO 8	72
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA REDE REGULAR DE ENSINO	
Sandra Lia de Oliveira Neves	
DOI 10.22533/at.ed.7801925018	
CAPÍTULO 9	82
PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO NA ESCOLA INCLUSIVA: SUPORTE DE ACESSIBILIDADE	
Maria Piedade Stelito Sabino	
Edicléa Mascarenhas Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.7801925019	
CAPÍTULO 10	85
A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO E A MEDIAÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR	
Rafaella César dos Santos Sousa	
Ana Claudia Ramos Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.78019250110	
CAPÍTULO 11	101
AFETIVIDADES EM WALLON E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EM SÃO GONÇALO - RJ	
Lucas Salgueiro Lopes	
Arthur Vianna Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78019250111	
CAPÍTULO 12	119
O TRABALHO DO PROFESSOR DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS EM ESCOLAS DA BAIXADA FLUMINENSE	
Ana Paula de Carvalho Machado Pacheco	
Helenice Maia Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.78019250112	
CAPÍTULO 13	128
A EDUCAÇÃO ESCOLAR DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA LEGISLAÇÃO NACIONAL	
Joana da Rocha Moreira	
Alan Rocha Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.78019250113	
CAPÍTULO 14	146
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA NA INCLUSÃO ESCOLAR	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Andréa Leonardo de Freitas Pereira	
Lucy Caldeira Gobeti	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.78019250114	

CAPÍTULO 15	154
TEMPO COMUNIDADE - ESPAÇOTEMPO POTENCIALIZADOR DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO	
Francisca Marli Rodrigues de Andrade Letícia Pereira Mendes Nogueira Marcela Pereira Mendes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.78019250115	
CAPÍTULO 16	162
REFLEXÕES SOBRE ESTUDOS E PESQUISAS NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA	
Bárbara Braga Wepler Mário José Missaglia Junior	
DOI 10.22533/at.ed.78019250116	
CAPÍTULO 17	173
DA UNIVERSIDADE À ESCOLA: A INDUÇÃO PROFISSIONAL DE ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO	
Vitor Alexandre Rabelo de Almeida Tatiane de Lima Bessa Vieira Elizângela Cely	
DOI 10.22533/at.ed.78019250117	
CAPÍTULO 18	182
FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES PARA A EJA: CONTRIBUIÇÕES EM UM CURSO DE PEDAGOGIA	
Jaqueline Luzia da Silva Janahina de Oliveira Batista Jussara Soares Campos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.78019250118	
CAPÍTULO 19	193
CORPO, CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE AS CLASSES DE ACELERAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA REDE MUNICIPAL DE NITERÓI	
Samuel Barreto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78019250119	
CAPÍTULO 20	204
ENSINO POR PROJETOS COMO POLÍTICA PÚBLICA: ABERTURA PARA OUTROS SENTIDOS DO TRABALHO ESCOLAR?	
Mónica Rocío Barón Montaña	
DOI 10.22533/at.ed.78019250120	
CAPÍTULO 21	220
A GINÁSTICA COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL 1 E COMO POSSIBILIDADE PARA COMBATER PRECONCEITOS	
Poliane Gaspar de Cerqueira	
DOI 10.22533/at.ed.78019250121	

CAPÍTULO 22 229

MENOS ESCOLAS, MAIS CADEIAS? QUANDO UMA IMAGEM SUSCITA MAIS QUE MIL PALAVRAS

Stephane Silva de Araujo

Maria Cecilia Lorea Leite

DOI 10.22533/at.ed.78019250122

SOBRE O ORGANIZADOR..... 241

AFETIVIDADES EM WALLON E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EM SÃO GONÇALO - RJ

Lucas Salgueiro Lopes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
São Gonçalo/RJ

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Rio de Janeiro/RJ

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo identificar a relevância da afetividade nos processos de ensino aprendizagem em uma instituição socioeducativa não escolar. A pesquisa foi realizada a partir de visitas sistemáticas a uma ONG no Complexo do Salgueiro. Busca-se fazer uma articulação do material com os conceitos do teórico da Psicologia da Educação Henri Wallon, tal como uma análise histórica e social do contexto local da ONG, marcada por uma região com relatos de criminalidade e violência, caracterizada como região empobrecida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação não-escolar; Psicologia da Educação; Henri Wallon; afetividade; Práticas socioeducativas.

ABSTRACT: This paper identify the relevance of affective at the processes of teaching-learning in a non-school socio-educational institution. The research was carried out from visits to an NGO in the community of Salgueiro, in São Gonçalo/RJ. It seeks to articulate the material

with the concepts of Henri Wallon's, as well as a historical and social analysis of the local context of the NGO, known by a region with reports of crime and violence, characterized as an impoverished region.

KEYWORDS: Non-school education; educational psychology; Henri Wallon; affection; socio-educational practices.

1 | INTRODUÇÃO

A proposta de projeto que foi trabalhado em 2017 girou em torno da prática educacional para além das instituições formais de ensino. O trabalho busca analisar além da prática educacional – ou o “como faço” – as relações interpessoais presentes numa organização não governamental e como a relação psicossocial entre os sujeitos envolvidos interferem na organização das práticas educacionais de São Gonçalo – região metropolitana do Rio de Janeiro. Essa ONG – Luxo de Vida - oferece diversas atividades ocupacionais a crianças da comunidade a qual faz parte, sendo elas lúdicas, esportivas, profissionalizantes ou educacionais. A prática educacional e as relações de afetividade interpessoais nela envolvidas são o tema de maior interesse.

Aqui, é também necessário não pensar simplesmente nas questões psicológicas ou na

referida ONG como algo isolado. Para que busquemos e façamos a compreensão necessária de todo esse âmbito, deve-se pensar no contexto social da zona em que essa está localizada. Parte-se então de uma análise histórico-social do macro – São Gonçalo, segunda cidade mais populosa do estado -, até chegar à região onde está localizada sua sede: o bairro de Itaúna, parte do Complexo do Salgueiro. Interfere nos resultados da pesquisa o histórico da região nas últimas décadas: uma região antes “apenas” empobrecida, e hoje um dos principais pontos do Estado com domínio do Comando Vermelho, facção criminosa.

Trata-se de um projeto evidentemente de Psicologia da Educação, mas que entrará em contato interdisciplinar com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais por seu modo de fazer. Trata-se da análise de informativos estatísticos geográficos e históricos para traçar o panorama geral do bairro e da cidade. A fonte principal da parte objetiva do trabalho virá por uso da história oral de moradores do local, e voluntários da ONG, tendo base teórica e metodológica vinda da psicologia do francês Henri Wallon, em especial em seus estudos relativos à psicologia do desenvolvimento, interferência do meio social, afetividade, entre outros.

2 | RECORTE LOCAL

Mudança, investimento, desenvolvimento... são palavras recorrentes na história de São Gonçalo contada pelo site oficial de sua Prefeitura. O orgulho e as glórias tomam conta de boa parte do discurso, acima de tudo otimista. Ainda que não seja uma mentira, é bem notável o apego a um passado muito mais glorioso que os dias atuais.

A área onde hoje está localizada a cidade de São Gonçalo foi habitada por índios Tamoios antes da chegada dos colonizadores portugueses. Foi fundada como sesmaria em 1579 pelo colonizador Gonçalo Gonçalves, fazendo parte da capitania de São Vicente. São Gonçalo tem sua emancipação de Niterói ao fim do século seguinte, em 1890. Segundo o último censo do IBGE (2010), São Gonçalo possui 999.728 habitantes – segunda mais populosa do estado – e com estimativa para 2017 já ultrapassando a casa de um milhão de habitantes. Considerando que o auge de prosperidade e desenvolvimento econômico da cidade veio durante o século XX, ligado à intensa produção industrial – onde lhe rendeu a alcunha de “Manchester¹ Fluminense” -, entender o declínio dessa atividade décadas depois, é de valiosa importância para compreender a cidade ainda hoje.

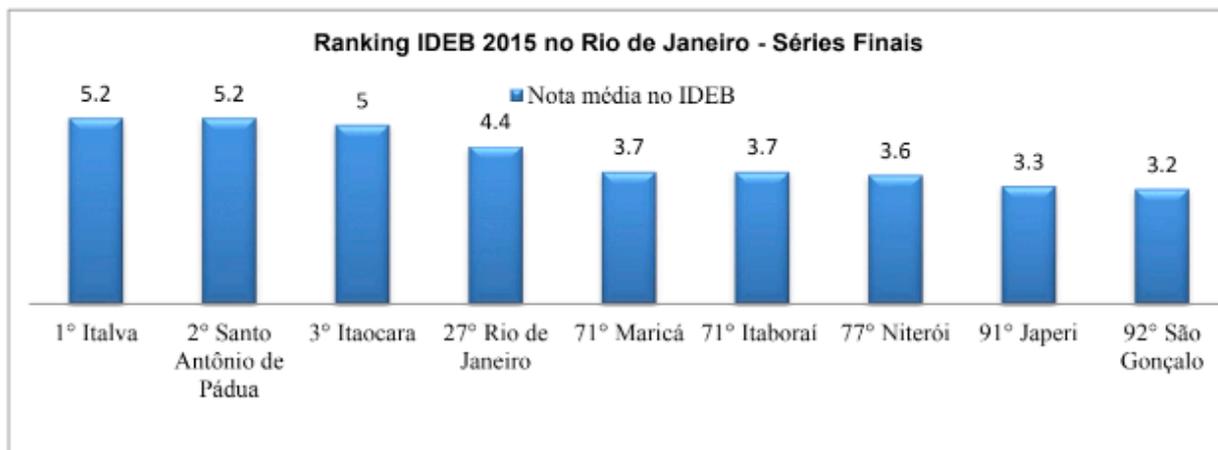
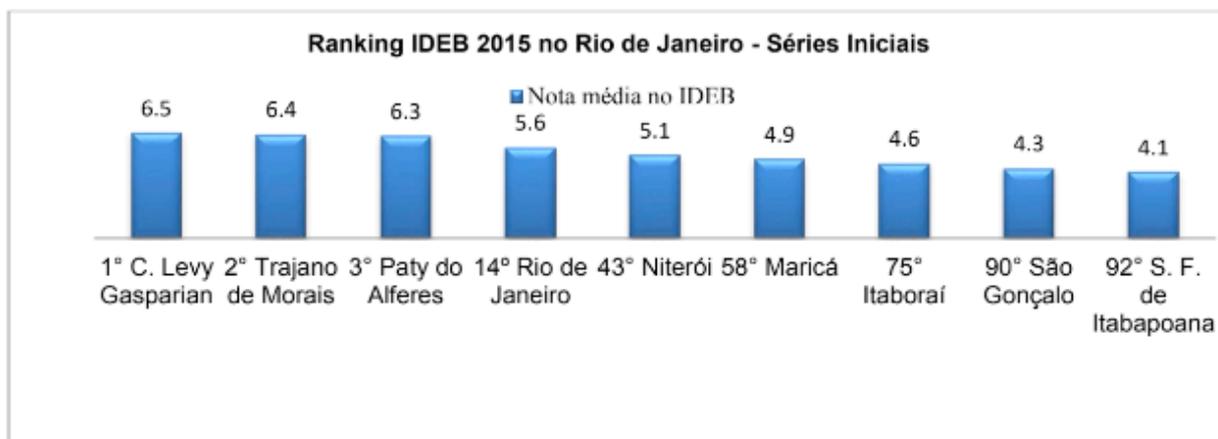
Sendo uma cidade substancialmente agrícola até o início do século XX, São Gonçalo aproveitou diversos incentivos estaduais a partir da década de 1920. Visando a vinda de novas indústrias para o estado, diversas isenções fiscais e benefícios foram

¹ Cidade da Inglaterra, caracterizada geralmente por ser um histórico centro industrial de grande produção. É baseada nessa característica a designação a São Gonçalo.

oferecidos a novas empresas. O auge da produção em São Gonçalo ocorre durante as décadas de 1930 e 1940. No entanto essa fase dura pouco tempo, e segundo a já citada obra de Araújo e Melo, o declínio desse crescimento se inicia já na década de 1950. Indica-se para a falta de investimento do Governo Federal na cidade, além da pouca infraestrutura gonçalense. É também de se destacar a ausência de uma elite industrial capaz de prosseguir o desenvolvimento industrial nos primeiros momentos de crise. Por último, ainda é citado uma má gerencia tributária partindo do governo municipal. Fato é, que nas décadas seguintes a população se multiplicou cada vez mais, e os tempos de “Manchester” ficaram cada vez mais distantes. Surge então a era de uma “cidade-dormitório” e o descaso cada vez mais recorrente com os bairros populares, como visto em Moraes (2014).

2.1 Dias atuais e o contexto educacional

Voltando aos dias atuais, os dados mais recentes do IBGE mostram dados alarmantes aos mais de um milhão de habitantes gonçalenses. Pesquisa de 2015 mostra que a porcentagem de pessoas ocupadas na população é de apenas 13,3% - posição 80 de 92 municípios relativos ao Rio de Janeiro. 34,5% da população vive em domicílios com rendimento mensal de até meio salário mínimo por pessoa. Quanto à educação – que será foco em nosso trabalho – os índices do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica são ainda mais alarmantes: os alunos das séries iniciais alcançaram nota 4.3 – posição 90 de 92 no Rio de Janeiro; os alunos dos anos finais alcançaram nota 3.2 – pior desempenho do estado. A taxa de escolarização (entre 6 e 14 anos) foi de 96,7 – posição 72 de 92 no geral. Ilustramos alguns desses números nos gráficos abaixo; os dados apresentados em gráfico são referentes às cidades que se apresentam nas primeiras e nas últimas posições do ranking, além das cidades vizinhas a São Gonçalo, e a capital do estado:



Como visto nos gráficos acima, a educação básica de São Gonçalo ainda se mostra muito distante das primeiras colocadas do ranking do IDEB – em geral, cidades menores. Quanto às cidades vizinhas a São Gonçalo, a distância das posições é menor (em especial nas séries finais), embora São Gonçalo leve desvantagem em ambas as avaliações. De modo geral, o aproveitamento das cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro se mostra de razoável para baixo.

2.2 História local

Itaúna está no 1º distrito de São Gonçalo, de onde também fazem parte o Centro, ou o importante bairro comercial de Alcântara. Ainda que não de forma oficial, boa parte dessa área vem sendo classificada por moradores, mídia e autoridades estaduais como interligadas na forma de um complexo de favelas: o Complexo do Salgueiro. Essa interligação, porém, não vem em maior instância por um aspecto cultural ou geográfico. Tratando-se de regiões de domínio de tráfico, possuem todos esses bairros um comando comum feito pela mesma facção. O Complexo do Salgueiro foi recentemente reconhecido pela segurança do Estado como maior refúgio criminal e

2 No depoimento do delegado Marcus Amin, da Delegacia de Homicídios de Niterói e São Gonçalo no início de 2017 ao O Dia, classifica-se o Complexo do Salgueiro como o maior foco da facção Comando Vermelho. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-03-31/traficante-desafia-policia-entrar-em-comunidade-de-sao-goncalo.html>. Acessado em 11 de outubro de 2017.

área de maior poderio bélico do Rio de Janeiro².

O percalço maior ao tratar de uma micro-história³ no ponto de vista de um recorte espacial aqui, é a falta de bibliografia; a área de Itaúna possui produção acadêmica quase inexistente. Tende-se a recorrer então, a representações vistas em meios de comunicação e principalmente a uma história oral⁴ que possa cobrir mais do que as décadas mais recentes. Ao pensar numa história local, baseando-se principalmente na historiografia de São Gonçalo, é preciso tomar cuidados particulares. Vê-se uma tendência negativa a relacionar a história de determinada região tentando fazer paralelo a determinado contexto histórico brasileiro: seja Brasil-Colônia, produção de Café, escravidão, etc.; basear-se puramente na historiografia nacional. Outra tendência negativa seria um tom “ufanista” que busque supervalorizar o local trabalhado. Faz-se aqui, e devemos buscar então, uma história o mais realista possível; uma intersecção que não se opõem, mas está inclusa na historia nacional, como dito em Reznik (2002).

Aqui se decide por pensar num recorte o mais específico possível referente à área trabalhada. A escolha reflete-se por captar assim as principais características do local da ONG, e sua importância ao bairro. Para isso, usamos a seguir o recurso da história oral, realizando entrevistas com duas moradoras do bairro. A partir do cruzamento de informação dos relatos, podemos perceber algumas das mudanças geográficas e sociais que o bairro passou nas últimas décadas.

Conversa com *Moradora A* - nascida no bairro de Itaúna no fim dos anos 1960 e moradora até os dias atuais. Suas lembranças de infância nos anos 70 são de um bairro com pouquíssimo comércio, moradores e casas espaçadas: “Havia muito mais mato do que gente” – diz a moradora. A memória indica um lugar simples, já apontando ao conceito de “cidade-dormitório”, visto que todos os poucos moradores do lugar precisavam trabalhar em regiões afastadas. É destacado o contraste com a região ao centro da cidade; essa diferente de Itaúna era contrastada por mostrar uma maior densidade demográfica e por circulação de automóveis – incomuns no bairro. Aponta-se que o só houve maior povoamento e chegada de novas famílias na região durante os anos 1980. A *Moradora A* não aponta para nenhuma lembrança de criminalidade e insegurança – seja de qualquer natureza – na região durante essas décadas iniciais; de acordo com ela, as primeiras aparições policiais e de pequenos crimes na região só vêm na virada para o século XXI.

Conversa com *Moradora B* - retirante nordestina que vem morar com o marido no bairro no fim de 1977 e moradora até os dias atuais. Vem do interior do Ceará em busca de melhores oportunidades; visava inicialmente se mudar para a Região dos Lagos do Rio de Janeiro, mas por influência de um parente chega a Itaúna. Sua

3 Gênero historiográfico surgido na Itália no fim do Século XX, principalmente nas figuras dos historiadores Ginzburg e Giovanni Levi. A micro-história é caracterizada por um recorte temático menor, em escala de observação reduzida.

4 Metodologia de pesquisa histórica que se utiliza de entrevistas e relatos orais como fonte historiográfica. É usado como um meio de reavaliar certas questões metodológicas na História, em particular, numa forma de ouvir a voz de “pessoas comuns”.

lembrança é de ser uma das primeiras moradoras do bairro, ainda com poucas casas e pouco comércio. Comenta que dentro das posses iniciais da família, se sente muito satisfeita com todas as oportunidades que o bairro lhe rendeu para criar seus filhos. Diz a todo o momento que sente muita falta das décadas iniciais no bairro, onde “tudo era melhor”: “Aprendi a amar esse lugar, mesmo com a saudade da minha terra... mas hoje sairia na primeira oportunidade” – confessa. A *Moradora B* diz temer pela segurança no lugar, em que precisa se aprender a viver cada vez com menos contatos. Concluiu que o lugar passou por crescimento populacional notável apenas na virada da década de 80 para 90, e que as primeiras notícias de violência aparecem com frequência apenas nos últimos 15 anos.

2.3 O avanço do crime organizado

O início do século XXI foi de notável mudança para a região. Na primeira década a população de Itaúna já ocupava quase toda sua área, e o vizinho Salgueiro já era reconhecido lugar de domínio do tráfico. O ponto de virada ao que se vê atualmente acontece na última década com implantação do projeto de UPP⁵. A partir da década de 2010, boa parte da área de Itaúna se torna zona de domínio do tráfico, com criminalidade acentuada e constante alvo de operações policiais. Nota-se também sua ligação direta com o poder das favelas vizinhas, caracterizando um Complexo de Favelas (Salgueiro) dominado por uma mesma facção.

Posterior à implantação da UPP e a desarticulação de quadrilhas de algumas favelas na Capital, há uma notória migração de alguns membros do Comando Vermelho para São Gonçalo, e em especial para a Favela do Salgueiro, que já era dominada pelo grupo. Com a área do Salgueiro já ocupada em quase toda sua totalidade, muitos desses bandidos foram ocupando favelas vizinhas, antes sem presença do tráfico. Assim, aumenta a extensão da zona controlada quase em sua totalidade por esse “poder paralelo”, incluindo diversos bairros, em morros ou não. É esse incremento que faz a venda de drogas se multiplicarem na região, contribuindo para o reconhecimento da área pela segurança do Estado como maior zona de influência da facção no Rio de Janeiro. Essa constatação é vista pela percepção do autor e de outros moradores da região, visto a vivência no local, e a cobertura midiática dos eventos policiais nos anos mais recentes. Pensando nas dificuldades de estudo do tema – trata-se de informações extraoficiais, ainda em acontecimento, e sem qualquer outro estudo acadêmico como embasamento anterior - e por não se tratar do foco principal do trabalho, basta aqui o entendimento central da violência e criminalidade em ascensão na história do bairro e no cotidiano de seus moradores.

Tendo em vista o artigo de Ferreira e Silva (2017), temos um levantamento de

5 Unidade de Polícia Pacificadora. Projeto do Governo do Estado do Rio de Janeiro que a partir de 2008 se propõem a implantar polícias comunitárias em favelas com domínio do tráfico na capital, Rio de Janeiro.

algumas das favelas (ou Aglomerados Subnormais, como usado originalmente) em bairros do primeiro distrito de São Gonçalo, deixando visível o domínio quase que total do Comando Vermelho na região. É preciso ressaltar, entretanto, que esse trabalho não considera o fenômeno apresentado anteriormente, que expõe um processo de poder paralelo não mais autônomo nas favelas do que foi denominado aqui como Complexo do Salgueiro. A zona que trabalhamos no trabalho faz parte do que é chamado no artigo de “Morro do Céu”, mas considerando esse como parte do Complexo do Salgueiro.

3 | A ONG LUXO DE VIDA

Em 2014 é fundada a ONG Luxo de Vida no bairro de Itaúna. O projeto – sem fins lucrativos – se iniciou com a psicóloga Girlene Falcão, moradora do local e seu interesse em revitalizar um terreno público do bairro que estava repleto de lixo e animais como porcos, ratos e cobras. Dessa primeira ação, nasceu ideia de ofertar uma oficina de reciclagem para crianças do bairro. Hoje, com mais de três anos de existência e sede própria em frente ao local onde tudo começou, a ONG atende cerca de 140 crianças e adolescentes com suas diversas oficinas pedagógicas, além de atividades para adultos e idosos da região. A ONG se mantém por meio de doação de mantimentos, dinheiro depositado mensalmente por mantenedores ou preços simbólicos cobrados em determinadas atividades.

Atualmente, a ONG oferece oficinas voltadas a diversos segmentos, tais como educacionais, esportivos, artísticos e lúdicos. Destacam-se em sua página, oficinas de ballet, moda, capoeira, muay thai, entre outras. No âmbito pedagógico vemos aulas de espanhol, educação ambiental, reforço escolar, além do projeto “Escola Dinâmica” que visa um reforço escolar com métodos criativos para turmas de 5 a 11 anos. O Luxo de Vida tem ainda um programa de integração que oferece a comunidade atendimento jurídico, psicopedagógico e psicológico.

4 | METODOLOGIA

O projeto de pesquisa pôs-se a estudar as práticas pedagógicas psicossociais dos voluntários em relação aos sujeitos empobrecidos do programa. Foram visitadas sistematicamente as oficinas de reciclagem, “escola dinâmica”, expressão corporal, horta comunitária e balé. Os relatórios de campo usados na análise são divididos em oito dias de trabalho, que vão do dia 25 de outubro de 2017 a 29 de novembro de 2017. A metodologia foi a de observação de campo a partir da fenomenologia do filósofo Edmund Husserl. Como visto em Ferreira (2016):

O filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) buscando romper com a orientação positivista da sua época propôs um método filosófico de conhecimento da realidade baseado no empirismo que levasse o sujeito a conhecer, a partir da experiência das realidades e assuntos concretos vividos pelos sujeitos, à essência das coisas de forma consciente. (FERREIRA, 2016, p. 7).

Os diários de campo são divididos então, pela estrutura do método fenomenológico de Husserl em: *noema*, *noese* e *variação eidética*. O *noema* seria relativo à parte mais objetiva do relato de vivência; é a descrição da situação a partir de uma percepção mais imparcial possível. O *noese*, ao contrário, seria a parte mais subjetiva; é aqui que o sujeito pode escrever suas lembranças, sentimentos e percepções do fenômeno: como esse sujeito reagiu ao objeto. A *variação eidética* (por vezes chamada de *redução eidética*), por fim, é a forma de relatar o fenômeno a partir da visão e dos sentimentos dos outros que fazem parte da ação. É uma forma do sujeito que relata vivenciar a situação de uma forma empática, refletindo sobre como o fenômeno interferiu sobre o outro.

Para a análise desse material foi utilizado de forma central o conceito de Afetividade em Henri Wallon, partindo principalmente dos estudos de Izabel Galvão. Outras autoras usadas para essa melhor compreensão dos conceitos de Wallon incluem também Abigail Mahoney, Laurinda Almeida, Heloysa Dantas.

5 | EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR E PEDAGOGIA SOCIAL

Ao estudarmos uma visão educacional a partir de um espaço não-escolar devemos entender as peculiaridades desse ambiente, entendendo suas visões educacionais, e como ele dialoga com o ambiente escolar tradicional. Como visto em Caliman:

Entretanto, fora e além da escola existem diversas formas de educação igualmente significativas e influentes. Em muitos casos, a população socialmente excluída, especialmente crianças, adolescentes e jovens, encontra em organizações sociais e outros ambientes mais ou menos formais o apoio indispensável para superar as suas condições (...) Em outras palavras, a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre seus ombros toda a luta contra a exclusão social. (CALIMAN, 2010, p. 342-343).

O campo da educação não-escolar é vista assim de fora do sistema escolar tradicional, mas em constante diálogo com esse. Esse campo é objeto de estudo da área de Pedagogia Social. Apesar da prática da Pedagogia Social fazer parte da realidade brasileira há algumas décadas, seu desenvolvimento teórico vem se intensificando apenas nos últimos anos.

Algumas características básicas dessas atividades e/ou instituições socioeducativas é que elas: são atividades de cuidado e ajuda que se situam tanto no âmbito da assistência social como da educação social. E por isso são chamadas de atividades ou instituições socioeducativas; que respondem a necessidades específicas de determinados setores da sociedade, particularmente das crianças, adolescentes e jovens; que, em boa parte, se utilizam do trabalho voluntário. (CALIMAN, 2010, p. 344).

Por meio da citação desse artigo de Geraldo Caliman, podemos situar e identificar algumas das diretrizes do Luxo de Vida presentes nos relatórios de algumas das suas oficinas, e que serão analisadas nos tópicos seguintes desse artigo.

6 | ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO EM WALLON

“Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva.” (GALVÃO, 1995, p. 45). A partir dessa visão psicogenética do Autor, podemos dividir cinco estágios de desenvolvimento: impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial, e estágio da adolescência. Para caráter de informação, esse primeiro estágio é caracterizado pela emoção, vital nos primeiros contatos da criança com o meio; abrangendo o primeiro ano de vida; no segundo estágio, indo até os três anos da criança, trabalha com a exploração senso-motora do mundo físico; no quinto estágio, na entrada da adolescência, a fase da afetividade volta a ser predominante, tendo a necessidade de nova construção de personalidade. No entanto, não trabalhamos em campo com crianças dessas idades, nos dando maior interesse aqui aos estágios do personalismo e categorial – onde encontram-se as crianças da ONG presentes nos relatos.

A partir daí, temos o estágio de personalismo que vai até os seis anos de idade. Temos nessa fase a volta da predominância afetiva, e uma prioridade ao processo de formação da personalidade. Sobre essa fase, diz Wallon em seu artigo “*Os estágios da evolução psicológica da criança*”: “Nessa idade, a criança ainda tem grandes exigências afetivas, tem sede de solicitude e deve ser cercada de uma atmosfera de ternura” (WALLON apud GALVÃO, 1995, p. 120). Em nosso relato do quarto dia, em especial no Noema e Variação Eidética, vemos esse aspecto numa garota de cinco anos que faz parte da oficina “Escola Dinâmica”; a chamaremos de *Aluna A* à partir daqui. Pouco interessada pela atividade proposta pela Professora, a Aluna repete diversas vezes um “olha pra mim!”, busca a todo o momento o contato e atenção de seus colegas mais velhos e da Professora. Ao ponto que não recebe essa solicitude, acaba se irritando. A agitação e as solicitações repetitivas dessa aluna mais nova só diminuem depois de a Professora voltar toda sua atenção a ela, em especial na lúdica com vídeos ao fim, em que ela finalmente tem a Professora e o foco para si. Percebemos então a problemática que se gera a partir de termos essa turma mista. Boa parte das crianças em estágio mais avançado sente-se atrapalhadas e reclamam da aluna mais nova. A professora então tem de se colocar nesse conflito, que só é resolvido de forma mais efetiva ao atender particularmente a garota de cinco anos, ou quando é feita uma atividade específica para ela. Essa mesma *Aluna A* reaparece no relato do oitavo dia (especialmente em noese e variação eidética). Ao não poder – decorrente da idade – participar da oficina de balé, essa se mostra muito triste pelo desprestígio dos outros, e tenta de toda forma conquistar minha atenção, puxando assuntos, falando alto, dançando.

Superando esse estágio - aos seis anos e até os doze - a criança volta-se novamente as coisas no categorial. Em nosso relato de primeiro dia, oficina de reciclagem, todas as crianças presentes estão nessa faixa de idade. O objetivo

da aula seria criar um porta treco reaproveitando caixas de suco usadas e outros materiais decorativos distribuídos pela professora-voluntária. Destacam-se dois casos de relações conflituosas entre os alunos nessa aula: a primeira relativa às brincadeiras com os alunos mais atrasados na tarefa; a segunda no tom de protesto quando a Professora tenta ajudar e faz o trabalho de apenas um dos alunos, que tinha mais dificuldade; chamaremos de *Aluno B* a partir daqui. Sobre as crianças nesse estágio, que Wallon chama de idade escolar: “A criança mais lenta e delicada, a ‘queridinha’, é caçoada e até duramente maltratada pelos colegas, espécie de iniciação a um clima mais viril. Os colegas o põem na linha”. (WALLON apud GALVÃO, 1995, p. 121). A Professora se perde por um momento ao tentar intervir no conflito que existia entre os alunos agravando ainda mais a diferenciação de ritmo dos alunos. Depois dos “protestos” dos colegas desse aluno ajudado, o mesmo chegou a desistir da atividade e sair da sala, tendo retornado apenas após a Professora e outros voluntários o chamarem de volta.

7 | ANÁLISE DE CAMPO E PARALELOS COM WALLON

Ao pensar nas práticas de uma oficina de reciclagem, ou a oficina de construção da horta comunitária, compreendemos o desenvolvimento para novos cidadãos mais engajados e conscientizados no recorrente problema de lixo e saneamento básico do bairro, por exemplo. Tem-se ainda a oficina de Expressão Corporal como destaque visando uma tentativa de apaziguar a situação interacional de exposição constante das crianças a violência e a banalização criminal presentes no lugar. Sobre essa última oficina, a atividade consistiu nos alunos reunidos em sala, sentados num tatame e com música instrumental relaxante de fundo. Foram divididos em três duplas de meninas e uma de meninos; um garoto ainda sobrou. O objetivo seria que passassem creme de arnica nas mãos, e as duplas deveriam massagear os ombros do outro, um por vez. Destaca-se abaixo relatos presentes na noese do dia:

Nessa aula em particular, imaginei que duas coisas seriam empecilhos para as atividades. A primeira, relativa ao agitação natural das crianças antes do início da aula; parecia ser difícil de imaginar que elas se acalmariam tanto com o decorrer da atividade. A segunda, relativa a uma suposta reclamação dos garotos – todos os três em torno de oito anos – quanto a massagear o amigo; nenhuma intervenção de cunho machista ocorreu durante a aula por parte desses. Na parte do final, ainda que boa parte dos comentários tenham sido genéricos – muito em decorrência da pouca idade – os que saíram da normalidade foram animadores quanto ao efeito da oficina na vida dos alunos⁶.

Ainda nesse terceiro dia de relato, pouco antes do início da oficina de expressão corporal, vemos um dos relatos mais marcantes do trabalho de campo, enquanto estava na varanda da sede com um grupo de quatro alunos. Um deles desenha num pequeno quadro uma cruz, dizendo ser essa para seu pai que estava morto; duas

⁶ Relatos presentes na Noese do terceiro dia de trabalho, 31 de outubro de 2017.

das outras crianças também se manifestam dizendo que seus pais também haviam morrido. Apenas uma das crianças desse grupo expõe ter o pai vivo. Ainda que sem ter a possibilidade de comprovar acontecimentos da vida pessoal desses alunos, impressiona a aparente situação de desestruturação familiar tão recorrente a esses alunos. Ainda que o observador note primeiro o lado emocional da situação da criança lidando com a morte, ou ainda por uma tendência social de estrutura familiar fragilizada no local, a teoria walloniana nos dá traços de sincretismo no pensamento das crianças vistas aqui. Como dito em Galvão: “Wallon identifica o sincretismo como a principal característica do pensamento infantil. Usual na psicologia, o adjetivo sincrético costuma designar o caráter confuso e global do pensamento e percepção infantis.” (GALVÃO, 1995, p. 81). Em *Origens do pensamento na criança* (1945) utiliza como procedimento a entrevista com crianças de 5 a 9 anos, fazendo com que essas falassem de alguns temas e objetos de seus cotidianos. Assim, por exemplo, quando a criança é perguntada sobre o que seria a chuva, essa identifica o fenômeno da chuva ao vento; depois a chuva ao trovão; e ainda o vento ao céu. Em nosso exemplo relatado aqui, a criança – que tem idade semelhante às das participantes da pesquisa de Wallon – não entende por completo a dimensão de uma situação de morte, mas compreende a oposição entre presença/ausência, relacionando essa segunda (vislumbrada em seu pai) com o símbolo da cruz; como algo positivo, de lembrança e homenagem. Veem-se assim dispostas em relação de pares: morte-ausência, morte-cruz, cruz-homenagem.

Outro ponto de análise pode ser feito a partir do contexto educativo da ONG. Dialogamos novamente com a área da Pedagogia Social, e do espaço cedido a Educação Não-Escolar quanto a não suficiência da educação-escolar. Visto essa não funcionalidade em seu âmbito total, e em especial da educação que cabe ao Estado nas camadas sociais mais empobrecidas, a educação não-escolar (ONG's, instituições religiosas, museus, etc.) encontra espaço nesse âmbito, ainda que não seja de sua competência primária.

A ausência do poder público em áreas empobrecidas e dominadas pelo poder do tráfico agravam a realidade das grandes cidades e regiões metropolitanas. Só a presença policial não resolve o problema desses espaços. Assim, ressalta-se a importância do educador social, que tem como ponto inicial de reflexão a pedagogia social que é sistematizadora de outras práticas socioeducativas. Apropriando-se da realidade vivida no campo de trabalho sociopedagógico e do campo teórico da pedagogia social, esse profissional contribui nesses espaços para a formação do cidadão das camadas empobrecidas e reconhecimento da (re)existência de seres humanos que possuem necessidades não atendidas. (FERREIRA; SILVA, 2017, p. 3).

É nesse contexto que podemos entender a oficina “Escola Dinâmica”, presentes nas observações de campo dos dias 2 e 4. Como relatado nos comentários do segundo dia em entrevista com a Coordenadora do Projeto, todas as crianças matriculadas na oficina estavam também frequentando regularmente a escola. A ONG atua então num sentido autônomo ao projeto pedagógico da escola de origem da criança. O foco é o individual do desenvolvimento da criança, “ignorando” sua série na educação-

escolar. As escolas locais são vistas pela direção como completamente defasadas, e a aprovação do aluno a séries mais avançadas não significa nem mesmo sua plena alfabetização. Exemplos disso são vistos nos relatos que apresentam as atividades desenvolvidas por cada um desses alunos nas aulas. Vemos abaixo alguns dos relatos contidos no trabalho de campo:

Apesar de a aula ser em grupo, as lições são todas individualizadas, personalizadas com o saber do aluno. Essas atividades são designadas pela Professora ao início da aula, baseado no desenvolvimento dos alunos durante as aulas anteriores da oficina. Alguns alunos mais novos dão seus primeiros passos escrevendo seu nome. Outros – já ultrapassando esse primeiro estágio – já respondem se esforçam a fazer vogais, alfabeto, ou mesmo questões de matemática. A aluna mais avançada da turma – por volta de oito anos – já escreve uma redação durante a aula, e deveria ler um texto na frente da turma⁷.

Conforme no início desse artigo se fez comentários de caráter histórico e sociológico em relação ao recorte espacial da ONG, infere-se que é relevante entender como se dá a interação do local e do grupo social onde estão inseridas essas crianças, com seus desenvolvimentos pessoais. Em pouco mais de um mês de trabalho de campo, tivemos oito dias de trabalho relatados sobre a ONG Luxo de Vida. Desses oito dias, dois – 5º e 7º - são de dias sem trabalho e com as atividades da Organização paralisadas. A primeira por uma grande operação – com 3500 homens da Força Nacional – nos bairros do Complexo do Salgueiro, em busca de traficantes⁸. A segunda, por conta de presença de homens da polícia sobrevoando o local, e protesto de moradores da Região depois da morte de sete homens dois dias antes em um baile funk no Complexo. Relato abaixo como foi descrito no diário de campo os acontecimentos decorrentes dessa chacina:

Na madrugada do dia 11 de novembro (sábado) são encontrados sete jovens mortos no Complexo do Salgueiro, onde estava havendo um baile funk⁹; as famílias das vítimas acusam policiais da Core¹⁰ pelas mortes¹¹. A Core reconhece que fez operação no Complexo nessa noite, mas acusam que os tiros que causaram as mortes foram disparados todos por homens do Exército. Os corpos dos jovens foram encontrados a cerca de três quilômetros de onde estava havendo o Baile. A polícia informou que quatro dos mortos tinham passagem pela polícia; apesar dos corpos terem sido identificados, não foi informado qual destes teriam passagem¹². Na manhã do dia 13 de novembro houve protesto de moradores do Complexo do Salgueiro na Rodovia Niterói-Manilha (BR-101), manifestando-se pedindo justiça e reivindicando a inocência das sete vítimas. Cerca de cem pessoas chegaram a fechar o acesso à rodovia^{13 14}.

Dessa forma, em contato direto com os estudos e avanços do campo da

7 Relatos presentes no Noema do segundo dia de trabalho, em 30 de outubro de 2017.

8 Informação disponíveis em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/forcas-de-seguranca-fazem-operacao-em-sao-goncalo-no-rj.ghtml>. Acessado em 09 de novembro de 2017.

9 Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/sete-pessoas-sao-encontradas-mortas-em-sao-goncalo-rj.ghtml>. Acessado em 13 de novembro de 2017.

10 Coordenadoria de Operações Especiais, elite da Polícia Civil.

11 Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/parentes-acusam-policiais-da-core-de-mataram-sete-jovens-em-baile-funk-em-sao-goncalo.ghtml>. Acessado em 13 novembro de 2017.

12 Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-tenta-identificar-tipo-de-arma-usada-na-morte-de-sete-pessoas-em-sao-goncalo-rj.ghtml>. Acessado em 13 de novembro de 2017.

neurologia, Henri Wallon assume posição favorável à interferência do meio social no funcionamento orgânico, em especial na criança. Como dito em Galvão (1995):

A observação permite o acesso à atividade da criança em seus contextos, condição para que se compreenda o real significado de cada uma de suas manifestações: só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente na qual está inserida. (GALVÃO, 1995, p. 36).

É importante caracterizar a visão walloniana frente à interpretação do psiquismo humano em oposição às concepções idealistas e materialistas mecânicas. Wallon tenta fazer um meio termo rejeitando a visão dicotômica estabelecida entre essas duas teorias.

Wallon caracteriza-se por forte influência do marxismo filosófico, utilizando em seus conceitos e métodos de análise uma perspectiva materialista-dialética¹⁵. Ao voltar ao debate da importância do meio para o desenvolvimento da criança, Galvão diz que esse não é “uma entidade estática e homogênea, mas transforma-se juntamente com a criança” (GALVÃO, 1995, p. 27). Quanto à importância metodológica do materialismo dialético em Wallon, Galvão conclui:

Quando a escolha do materialismo dialético se tornou explícita e assumiu a posição de sede das decisões metodológicas, ela não correspondeu, por conseguinte, a um apriorismo. Representou, para Wallon, uma solução epistemológica. Ciência híbrida, situada na intersecção de dois mundos, o da natureza e o da cultura, a psicologia é a dimensão nova que resulta do encontro, e mantém a tensão permanente do seu jogo de forças. (DANTAS, 1992, p. 37).

Tais citações e comentários mostram uma clara influência do autor numa perspectiva de práxis marxista, e sua conceptualização do materialismo-dialético em oposição ao idealismo.

7.1 Importância da afetividade em Wallon

Nesta última parte da investigação das relações sociais estabelecidas, analisaremos os aspectos relativos à relação entre afetividade e aprendizagem para Wallon. Um de seus pontos centrais – e essencial para nossa plena compreensão – seria a diferenciação entre os três momentos presentes na afetividade: emoção, paixão e sentimento. Abigail Mahoney e Laurinda de Almeida (2005) conceituam esses termos a partir do pensamento walloniano: “[Afetividade] Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 19). Diferenciam-se assim seus três momentos: sendo a emoção a expressão

13 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/grupo-faz-protesto-contramorte-de-sete-pessoas-no-salgueiro-em-sao-goncalo-22063691>. Acessado em 13 de novembro de 2017.

14 Relatos presentes nas observações do sétimo dia de trabalho, em 13 de novembro de 2017.

15 Nesse modelo filosófico, usado largamente pelo Marxismo, à interpretação dos fenômenos da natureza se dá de maneira dialética, e sua teoria seria materialista. Sendo assim, ao mesmo ponto que o homem transforma o seu meio social, também é transformado e moldado por ele.

da afetividade, sua demonstração externa; o sentimento como a expressão representacional da afetividade; “[paixão] revela o aparecimento do autocontrole para dominar uma situação: tenta para isso silenciar a emoção”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 21). Pensando na manifestação de emoção, consideramos essa parte da teoria emotiva walloniana *a priori* como metodologicamente dialética em relação ao desenvolvimento genético. Como característica importante para análise, destaca-se seu caráter altamente contagioso – devido sua função basicamente social. Como destacado ainda por Dantas: “Do seu caráter social resulta ainda a tendência que tem para nutrir-se com a presença dos outros. Plateias desempenham o papel do oxigênio que alimenta a chama emocional” (DANTAS, 1992, p. 88).

Pensando por esse olhar, é essencial a relação estabelecida entre professor-aluno: a relação dialética. Na visão walloniana, o afeto (seja ele positivo ou negativo) influenciando de forma direta a aprendizagem. Anteriormente, já vimos no texto dois exemplos que elucidam bem esse caráter: a *Aluna A* e o *Aluno B*. A seguir nos aprofundaremos em ambos os casos, e como se deu a reação deles a diferentes estímulos e afetos, relacionando isso a sua aprendizagem.

Aluna A - A garota de cinco anos (no estágio personalista) tenta chamar a atenção para si, característica própria do seu estágio de desenvolvimento - predominantemente emocional. Essa garota ao não receber o retorno esperado, se ver ora ignorada, ora alvo de reclamações da turma, não consegue desenvolver nem mesmo as atividades mais básicas, outrora feitas por ela na aula anterior. Ela é assim afetada negativamente. Por duas aulas seguidas ela tenta escrever seu nome numa folha e treinar a escrita das vogais. Na última aula dessa oficina ela conseguiu cumprir isso, nessa atual não. Como dito, isso só é atenuado a partir do momento em que a Professora da Oficina dá uma atenção especial à aluna, indo individualmente até ela. Na reta da final a Professora convida-a para sentarem juntas numa poltrona – com mais uma aluna de idade parecida – e assistir alguns vídeos lúdicos, específicos para a iniciação da alfabetização.

Vemos no *Noema* do dia como foi descrito essa parte final:

Ao fim, é passado um vídeo musical lúdico-educativo para as crianças mais novas. Trata-se de um vídeo da dupla de palhaços “Patati e Patatá” ensinando o ABC e a escrita de algumas palavras. A Professora assiste ao vídeo, sentada juntamente aos alunos numa poltrona, de forma bem descontraída¹⁶.

Aluno B – Esse aluno (que se encontra no estágio categorial) desde o início da Oficina de Reciclagem passa por grandes dificuldades para realizar as atividades previstas: a confecção de um porta treco. Decorrente disso, a Professora da Oficina ajuda-o realizando várias das ações em seu lugar, arrancando assim protestos das outras crianças.

O garoto da turma – o mais disperso desde o início – pede ajuda por não saber fazer determinado recorte sozinho. A professora se põe a fazer para ele. Quase

¹⁶ Relatos presentes no *Noema* do quarto dia de trabalho, em 06 de novembro de 2017.

todo o resto da turma se coloca em protesto, e repete que se fosse assim, ela deveria fazer para todos os outros alunos. Pouco depois do fato, esse aluno se levanta e vai para a parte externa da sede; se parece cada vez mais desestimulado para continuar a oficina. Ao fim, quando todos já terminam, a professora e outros voluntários o chamam de volta¹⁷.

O *Aluno B* já não demonstrava uma grande motivação em seu início de trabalho. Logo após ele se tornar alvo dos colegas de oficina, sua reação instintiva é sair daquele lugar, desistir completamente da atividade. Ele só retorna a sala já ao fim da oficina, depois da Professora, voluntários e outras crianças vierem até ele e o incentivar a voltar. Ao fim, ele recebe elogio de todos pelo trabalho que fez, e só assim seu jeito muda: “Ele consegue terminar seu artesanato ao fim, e recebendo elogios da professora demonstra maior alívio e deixa escapar sorriso¹⁸”.

Para encerrar as exemplificações acerca da afetividade – central na teoria walloniana – observamos a Oficina de confecção da Horta Comunitária. A ideia de uma horta comunitária tomou corpo pensando em utilizar um espaço ocioso na própria rua da sede. Cerca de doze alunos se dividiam em grupos de trabalho ocupando todos os cômodos da sede. A oficina não tem um Professor em si; parte de uma ideia da coordenadora do projeto, que após explicar os pontos principais deixa os alunos trabalharem quase que por conta própria. O modelo feito pelos alunos é de um vaso auto-irrigável, todo confeccionado de materiais recicláveis. O trabalho é praticamente todo confeccionado pelas crianças.

Os alunos parecem ter respondido muito bem a confiança que foi depositada a eles nessa oficina (...) Ainda que todos da mesma idade, os que participavam da atividade pareciam querer se mostrar mais maduros, e cobravam da coordenação que os alunos de fora falassem mais baixo. Os alunos ainda cobravam entre si um melhor trabalho, melhorias na forma de cortar, por exemplo. A coordenadora e os outros voluntários no local pareciam perceber a mesma coisa, e até por isso foram deixando cada vez mais espaço e liberdade para o trabalho dos alunos. Quando dito o horário do fim, se viam alguns alunos tristes e reclamando por já terem de voltar para casa, onde diziam não ter nada para fazer¹⁹.

O que ficou notado nessa oficina foi o comportamento até mesmo surpreendente dos alunos quando colocados em posições ativas. O engajamento na atividade e atenção disposta a ela foi superior à boa parte das oficinas anteriores. A coordenadora do projeto depositou desde o início toda confiança aos alunos; não censurou ou deu ordens, deixou-os no comando. Comumente passava por eles elogiando o desenvolvimento do trabalho, o que fazia os alunos se animar e se cobrarem ainda mais no trabalho. Vemos na situação explicada a importância do lado afetivo da coordenadora que deposita nos alunos a emoção e a experiência do sentimento de confiança e empoderamento. A aplicação dessa afetividade no desenvolvimento da atividade resulta no autocontrole das potencialidades desses alunos – paixão no termo walloniano – e traz um efeito positivo a prática educacional que foi organizada nessa

17 Relatos presentes no Noema do primeiro dia de trabalho, em 25 de outubro de 2017.

18 Idem

19 Relatos presentes na Variação Eidética do sexto dia de trabalho, em 08 de novembro de 2017.

oficina.

8 | CONCLUSÃO

A pesquisa apresentou assim, uma forma de articular conceitos como de desenvolvimento e afetividades para Wallon e como aplicar isso aos estudos de Pedagogia Social a partir de uma Instituição Socioeducativa. Para tanto, foi de grande importância para o trabalho, e levando em consideração as reflexões de Wallon para a importância do espaço na qual se desenvolvem as relações, traçar um panorama social de São Gonçalo e do bairro de Itaúna. Buscando compreender traços culturais da vivência dos agentes envolvidos no artigo, precisamos ir além de um senso comum e de uma aplicação mecânica de conceitos wallonianos desenvolvidos em outro tempo e espaço. Vê-se a necessidade de traçar um desenho histórico da cidade de São Gonçalo, e mais do que isso, pensamos ainda em suprir a carência de fontes para se basear num contexto mais local, no bairro onde desenvolvemos a pesquisa. Para isso, utilizamos os recursos relativos à história oral: considera-se que o bairro, as classes empobrecidas possuem uma voz, faltando a elas o destaque do protagonismo e o espaço para serem ouvidas.

Tendo como proposição central da pesquisa uma articulação com as ideias de Henri Wallon, é a partir do autor que consideramos os principais resultados encontrados ao fim do artigo. A primeira, relativa à importância do contexto espaço temporal na qual se desenvolve as relações sociais educacionais da ONG; ambiente marcado por pobreza e violência. Em segundo lugar, a questão de Wallon e a sua relevância para se pensar em uma prática socioeducacional.

Considerando o primeiro ponto, o resultado aponta para a tentativa de reconstrução da memória e da história de todo um bairro. Aqui, infere-se tendo como base a história mais recente do local, a grande influência que a escalada de violência – a qual o poder público não acompanha com políticas efetivas de prevenção – têm no desenvolvimento das crianças do local. Wallon considera relevante a interferência do meio no funcionamento orgânico e na prática das relações interpessoais, como dito em Galvão: “só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente na qual está inserida” (GALVÃO, 1995, p. 36). Todo esse contexto local influencia em grande medida os conteúdos e ofertas que organizações socioeducativas consideram relevantes a serem ofertadas para esses alunos, tal como a visão que esses fazem de si mesmos.

Quanto à exploração dos conceitos de Wallon para se pensar numa prática socioeducativa, destacam-se dois pontos: a relação de como se dão os estágios de desenvolvimento e como eles se desenvolvem nas camadas empobrecidas, e a afetividade como ferramenta (seja positiva ou negativa) nos processos de ensino aprendizagem. Em relação aos estágios de desenvolvimento, os relatos descritos nos

diários de campo mostraram-se em grande conformidade com a teoria walloniana. Infere-se o desenvolvimento dessas crianças do projeto com grande semelhança de características às descritas por Wallon em cada um dos estágios da infância. Percebe-se ainda, alguns dos problemas relativos à prática docente em turmas na qual as crianças estão em diferentes estágios, o conflito que pode gerar essa predominância de diferentes sentimentos em cada criança. A criança ainda no estágio personalista pode causar algumas dificuldades de convivência com crianças já no estágio categorial. Ainda em grande congruência com o que é proposto por Wallon, exemplifica-se bem o uso da afetividade na prática educativa, e como seu uso pode ter diferentes efeitos sentidos a partir de seus usos. O maior uso de uma afetividade positiva, de empatia e encorajamento para uma autonomia do aluno gera resultados muito mais eficazes no processo educativo, em particular, quando respeitado seu tempo de desenvolvimento e o contexto social na qual esse está inserido. No contrário, a partir de uma prática afetiva negativa, onde o educador demonstra pouca confiança no aluno, quando a atenção e a confiança relativas às suas especificidades não são respeitadas, vê-se um aproveitamento ainda mais inferior, sendo decisivo para o desencorajamento do aluno nas atividades propostas.

Esse trabalho pode servir para outros profissionais prosseguirem a partir da mesma reflexão ou aplicá-las de diferentes formas. Cabe destacar a necessidade de uma construção ainda mais constante da história e do estudo de caso a partir dos diferentes espaços que abrigam práticas socioeducativas, em especial em regiões mais vulneráveis onde se fazem necessários mais estudos que possibilitem entender melhor o funcionamento desses grupos, suas necessidades educacionais e as práticas que são desenvolvidas nesses contextos socioeducacionais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Victor Leonardo de; MELO, Hildete Pereira de. **O processo de esvaziamento industrial em São Gonçalo no século XX: auge e declínio da “Manchester Fluminense”**. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n.4, Rio de Janeiro, 2014.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador**. Revista de Ciências da Educação, n. 23, Americana, 2010.

DANTAS, Heloysa. **Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon e A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: LA TAILLE, Yves de [et. al]. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo. Summus. p. 35-44 e 85-98. 1992.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educar, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010.

FERREIRA, Arthur Vianna. **O uso da fenomenologia nas práticas de estágio supervisionado para licenciaturas**. Rev. Brasileira de Ensino Superior. Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 5-14, 2015.

FERREIRA, Arthur Vianna; SILVA, João Vitor de Andrade. **Onde tem uma comunidade pobre nem**

sempre tem uma comunidade educativa. A pedagogia social e os espaços educativos em São Gonçalo. IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro. 2017.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis, RJ. Vozes. 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA; Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Psic. da Ed., São Paulo, 20, p. 11-30, 2015.

MORAES, João M. Bodê. **Espaço do trabalho e mudanças socioespaciais: a reconstrução dos espaços urbano-fabris no município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro.** Meridiano - Revista de Geografía, v. 03, p. 67-82, Buenos Aires, Argentina, 2014.

REZNIK, Luís. **Qual o lugar da História local?**. In: V Taller Internacional de Problemas Teóricos y Prácticos de la Historia Regional y Local, 2003, Havana - Cuba. V Taller Internacional de problemas Teóricos y Prácticos de la Historia Regional y Local, p. 276-287, Havana, Cuba, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-078-0

